REVISTA INTERNACIONAL DE ESTUDOS CIENTÍFICOS

V. 03, N.01 Jan./Jun. 2025

HOSPITAL NAPOLEÃO LAUREANO: ENTRE A MORTE E A VIDA – A TRANSFORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO E DO CUIDADO ONCOLÓGICO

NAPOLEÃO LAUREANO HOSPITAL: BETWEEN DEATH AND LIFE – THE TRANSFORMATION OF IMAGINATION AND ONCOLOGICAL CARE

HOSPITAL NAPOLEÃO LAUREANO: ENTRE LA MUERTE Y LA VIDA – LA TRANSFORMACIÓN DE LA IMAGINACIÓN Y DEL CUIDADO ONCOLÓGICO

Weverson Bezerra Silva
https://orcid.org/0000-0003-3364-7938

Resumo: O trabalho apresenta um levantamento histórico e etnográfico do Hospital Napoleão Laureano (HNL), instituição referência no tratamento oncológico na Paraíba. A pesquisa parte de um compromisso de campo e combina fontes documentais (revistas comemorativas, artigos, documentários e registros institucionais) com observações diretas e relatos de funcionários, especialmente um enfermeiro que compartilha sua vivência emocional no hospital. O HNL, marcado no imaginário popular como "hospital da morte", é também resignificado como espaço de vida e cuidado, com destaque para sua estrutura física, redes de apoio, atuação voluntária e relevância pública. A instituição, fundada com forte apoio social e reconhecida legalmente em diversas esferas, é organizada como uma fundação privada de utilidade pública, com compromisso amplo de assistência social e enfrentamento ao câncer, sendo também um espaço de formação e práticas interdisciplinares.

Palavras-chave: Napoleão Laureano. Profissionais da saúde. Hospital. Antropologia da saúde.

Abstract: This work presents a historical and ethnographic overview of the Napoleão Laureano Hospital (HNL), a leading institution in cancer treatment in the state of Paraíba, Brazil. The research stems from a fieldwork commitment and draws on various sources, including commemorative publications, scholarly articles, documentaries, and institutional materials, as well as direct observations and testimonies from staff, particularly a nurse who shares his emotional experience within the hospital. Although popularly perceived as a "hospital of death," HNL is also reframed as a place of life and care, standing out for its physical structure, support networks, volunteer involvement, and public relevance. Founded with strong community engagement, the hospital is legally recognized at federal, state, and municipal levels as a public utility foundation. It is committed to broad social assistance and cancer care, guided by both scientific and Christian principles. The hospital also serves as a space for interdisciplinary healthcare practices and professional training.

Keywords: Napoleão Laureano. Health professionals. Hospital. Anthropology of health.

Resumen: Este trabajo presenta un panorama histórico y etnográfico del Hospital Napoleão Laureano (HNL), una institución de referencia en el tratamiento del cáncer en el estado de Paraíba, Brasil. La investigación surge como un compromiso de campo y se basa en diversas fuentes, incluyendo publicaciones conmemorativas, artículos académicos, documentales y materiales institucionales, así como observaciones directas y testimonios del personal, en especial de un enfermero que comparte su experiencia emocional en el hospital. Aunque en el imaginario popular es conocido como un "hospital de la muerte", el HNL también es resignificado como un espacio de vida y cuidado, destacándose por su estructura física, redes de apoyo, trabajo voluntario y relevancia pública. Fundado con fuerte participación de la comunidad, el hospital está legalmente reconocido en los niveles federal, estatal y municipal como una fundación de utilidad pública. Su labor está orientada a la asistencia social amplia y al combate al cáncer, guiada por principios científicos y cristianos. Además, es un espacio de formación profesional y prácticas interdisciplinarias en salud.

Palabras-clave: Napoleão Laureano. Profesionales de la salud. Hospital. Antropología de la salud.

1. INTRODUÇÃO

CAMPO DE OBSERVAÇÃO: “BREVE HISTÓRICO” DO HOSPITAL NAPOLEÃO LAUREANO

> [Hospital] Parte de uma organização médica e social, cuja função básica consiste em proporcionar à população assistência médica integral, curativa e preventiva, sob quaisquer regimes de atendimento, inclusive o domiciliar, constituindo-se também em centro de educação, capacitação de recursos humanos e de pesquisas em saúde, bem como de encaminhamento de pacientes, cabendo-lhe supervisionar e orientar os estabelecimentos de saúde vinculados tecnicamente (Brasil, 2006, p. 46).

Este artigo é um recorte etnográfico que visa analisar o Hospital Napoleão Laureano (HNL), um centro de tratamento oncológico na Paraíba, situado entre as experiências de vida e morte de seus pacientes. A pesquisa foi realizada por meio de uma “etnografia hospitalar” (Silva, 2021), com o intuito de compreender as práticas de cuidado e a transformação do imaginário social em relação ao câncer nesse contexto. O estudo enfoca refletir sobre a trajetória histórica e simbólica da instituição, que se tornou um símbolo de resistência no tratamento do câncer na região.

Este trabalho é fruto da minha dissertação no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB e busca explorar como o HNL se configura como um espaço de cuidado, mas também de luta e esperança. A pesquisa procurou mapear não apenas os aspectos médicos e assistenciais, mas também os aspectos culturais e emocionais que envolvem o câncer, destacando como a morte e a vida são encaradas dentro dessa instituição e como esses processos influenciam o cuidado oncológico na Paraíba (Silva, 2021).

Neste momento será feito um breve levantamento histórico da construção do Hospital Napoleão Laureano (HNL), que é, inclusive, um dos compromissos que assumi em campo. As informações foram retiradas da publicação oficial do hospital em comemoração aos seus 50 anos de atuação, revista da União em homenagem a Napoleão Laureano, documentários da TV Câmara, panfletos, mensagens nas paredes do hospital, pesquisa bibliográficas em artigos e conversas com os funcionários. Não é uma história pequena, ela foi construída com lutas com a colaboração da sociedade e dessa figura pública e popular Napoleão Laureano.

Início com o relato de um enfermeiro sobre o "*hospital Laureano é o lugar que temos o maior medo de ir, principalmente esse que é reconhecido no tratamento do câncer, estar aqui aprendemos a viver em sociedade, pois entendemos a vulnerabilidade humana que é a morte*". Na figura 5, apresento o desenho elaborado na oficina pelo referido enfermeiro, a partir do qual ele lembra da sua primeira experiência na urgência do hospital, quando a ambulância chegou e o atendimento começou na entrada do hospital.

Figura 1: Representação do campo de pesquisa

Fonte: Enfermeiro (2020)[1]

O comentário desse enfermeiro coincide com minhas experiências como cidadão pessoense. Em meu processo de socialização tinha certo anseio quando alguém falava do HNL, as pessoas tinham medo do local e era destacado como "um hospital da morte". Quando alguém direcionava o pensamento para o hospital existia todo um estereótipo que o câncer seria uma das piores mortes, pois quando *"descobria já estava próximo de morrer".*

Entretanto, a obra do HNL é muito mais abrangente e possui sentidos mais positivos na experiência dos pacientes e de seus familiares. O hospital é referência no tratamento do câncer na Paraíba, e atende os portadores dessa patologia de todo o Estado, sendo dividido 90% SUS e 10% privada. Um de seus lemas é "hospital da vida", numa clara resposta do lugar funesto que o hospital ocupa no imaginário da cidade. Está localizado na Avenida Capital de José Pessoa, nº 1140, no bairro de Jaguaribe, João Pessoa - PB, CEP: 58015-170. O bairro de Jaguaribe pode ser considerado uma

[1] O significado de "HSL" no desenho é a abreviação de Hospital.

"mancha"[2] (Magnani, 2002) de saúde em João Pessoa, pois concentra boa parte dos hospitais e instituições de saúde da capital[3]. Por diversas vezes que estava indo ao campo, percebia que as redes de apoio do hospital faziam a divulgação dentro do transporte público das campanhas que existem dentro do hospital. Antes de entrar no campo são perceptíveis as ações que a cidade faz para ajudar na manutenção desse centro de saúde[4].

Existem três entradas no hospital, a entrada central é o atendimento as consultas de exames, enfermarias, UTI, e o local de acesso dos familiares para as visitas. O bloco do lado direito é a pediatria e o bloco do lado esquerdo é a urgência. A entrada central fica em frente da capela da instituição, essa entrada é o acesso das salas 25 e 26 dos cuidados paliativos. Para chegar nessas salas preciso subir duas rampas, seguir em frente e dobrar à esquerda, ou subir o elevador. Dobrando à esquerda, são as últimas salas no corredor do primeiro andar, como também tem as demais enfermarias, apartamentos e UTI. O esquema do hospital para melhor entendimento pode ser verificado na figura 2.

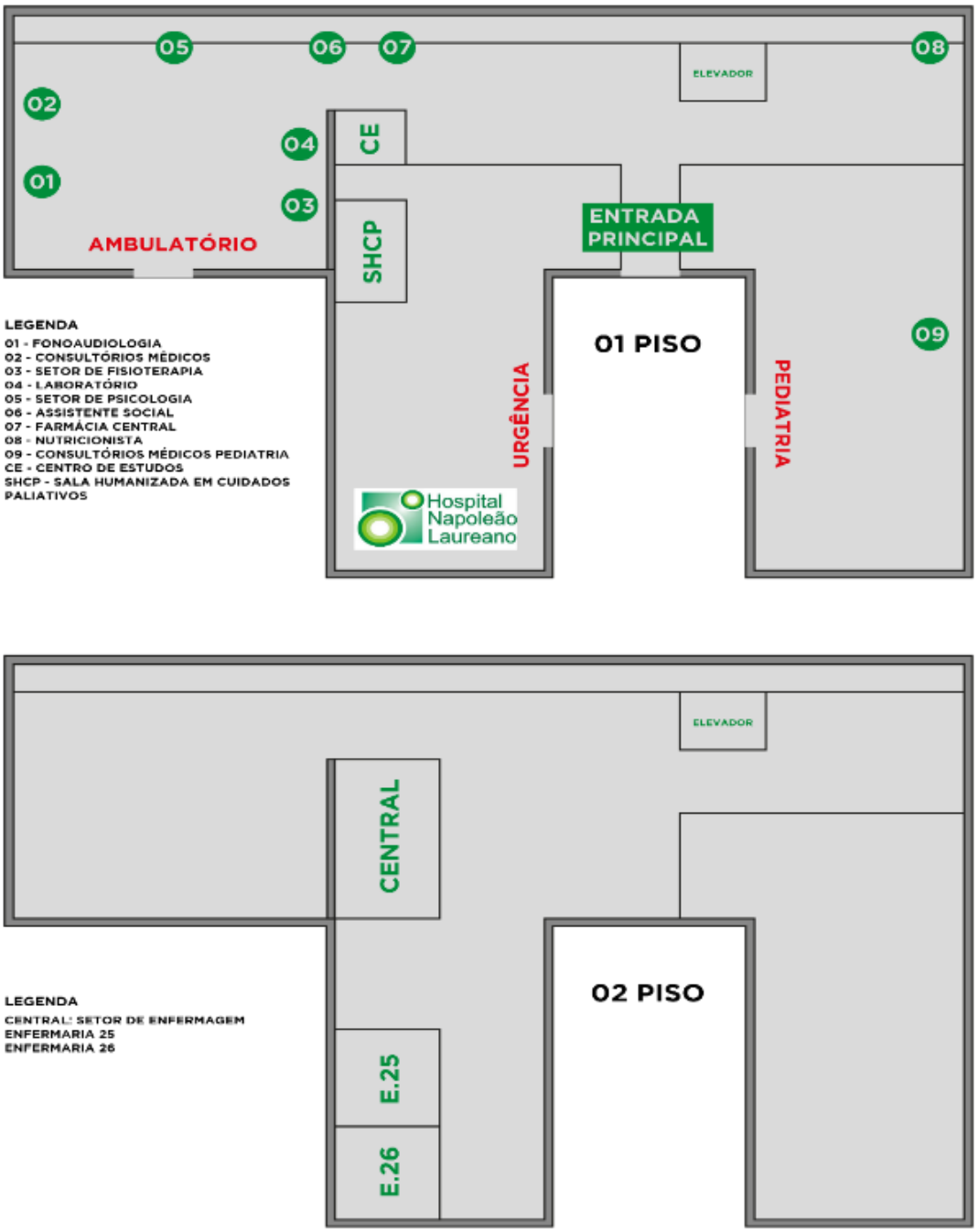
Na entrada central do hospital tem consultórios nos corredores do lado direito e esquerdo. Essas salas são divididas da seguinte forma: com a agência transfusional (Unidade Hemoterapica), refeitório, sala de nutrição, transfusional, radioterapia, acelerador linear, betoterapia, braquiterapia, administração, ambulatório, centro de estudos, centro de diagnóstico por imagem, apoio voluntário, espaço da assistente social, espaço psicológico, engenharia clínica, farmácia, almoxarifado, pediatria, espaço ecumênico.

[2] As manchas, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante (MAGNANI, 2002, p. 19).

[3] Hospital Municipal, Hospital Clementino Fraga Pavilhão, Complexo de Doenças Infecto, Hospital Infantil Arlinda Marques, Instituto Cândida Vargas, Hospital Monte Sinai, Policlínica São Luiz, Hospital São Luiz, Hospital Santa Lúcia, Maternidade Frei Damião.

[4] Essas ações e as campanhas serão descrita posteriormente no tópico 1.6.2 "a campanha não pode parar": primeiro hospital na Paraíba para o tratamento do câncer.

Figura 2: Planta do campo



Fonte: Arquivo elaborado pelo autor (2020)

Na parte de trás do hospital ficavam as doações de materiais de alimentação, higiene e objetos para os pacientes, como fraldas e entre outros. Em todos os espaços também existem os banheiros, e no meio do hospital tem uma capela acompanhado de um jardim verde cheio de plantas, esse jardim verde também tem na parte externa próximo do local de estacionamento das ambulâncias. O jardim se torna um espaço de sociabilidade dos familiares, pacientes, voluntários do hospital como também profissionais da saúde.

Continuando a reflexão sobre as cores, percebi que no hospital predominam as cores neutras: marrom, bege e branco. As cores de contraste apareciam na pediatria e na brinquedoteca do hospital. Todos os momentos das minhas observações ocorriam uma grande movimentação de funcionários do hospital, comunidade religiosa, voluntários, familiares e poucos pesquisadores. Apesar da intensa circulação não tinha muito barulho. Em momentos específicos escutava apenas gritos de pacientes pedindo socorro, choro de familiares ou pacientes.

Importante pontuar que o hospital em 2020 cresceu na quantidade de pessoas que trabalham, como também no número de tratamento oferecidos os pacientes no Estado da Paraíba. No ano de 1999 foi reconhecida pelo MEC no Ministério da Saúde a categoria de Centro de Alta Complexidade Oncológica, um hospital referência no processo terapêutico.

Do ponto de vista formal, o Hospital é uma fundação privada de utilidade pública, regida por Estatuto Social – Fundação Napoleão Laureano: Considerada de Utilidade Pública Federal – Decreto Lei nº 1.404, de 06.08.1951, considerada de Utilidade Pública Estadual – Decreto Lei nº 2.329, de 01.08.1961, considerada também, Utilidade Pública Municipal – Decreto Lei n 1.088, de 10.05.1963, registrada no Conselho Nacional de Assistência Social nº 28986.001101/94-14, de 14.01.1999. Tem também, certificado de Entidade Beneficente de Assistência na área da Saúde – CEBAS – SAÚDE é Registrada no Conselho Municipal de Saúde sob o nº 041/99, de 29.12.2003. Registrada no Conselho Estadual de Saúde sob o nº 001/14 de 26.02.2014, Instituição Conveniada com a Universidade Federal da Paraíba, através do Convênio 088/2004, de 30 de setembro de 2004[5].

[5] **Estatuto Social – Fundação Napoleão Laureano.** Disponível em: http://hlaureano.org.br/a-fundacao/estatuto-social/. Acesso em: 19 nov. 2020.

Esse Estatuto estabelece qual seria a função social para os pacientes oncológicos do Estado da Paraíba. No Capítulo I do Estatuto– centraliza na parte da instituição, origem e finalidade, com essa categoria de Alta Complexidade Oncológica, Art.3º destaca que a Fundação tem por objetivo a assistência social no sentido mais amplo da palavra, baseada nos princípios cristãos e científicos, no combate ao câncer. Existe também no Art. 4º o objetivo de assistência social, que consistirá:

I – em manter prioritariamente o Hospital Napoleão Laureano;

II – na criação e manutenção de obras sociais de combate ao câncer e outros serviços de saúde, centros sociais e igualmente colaborar ou suceder outras entidades beneficentes em todo território do Estado da Paraíba, ou com elas manter convênios;

III – em promover ou colaborar com campanhas de educação popular, destinadas a esclarecer ao público sobre o problema do câncer;

IV – em promover o aperfeiçoamento e preparo técnico de médicos ou outros profissionais que desejem se especializar no setor oncológico;

V – na cooperação com outros organismos com a mesma ou semelhante finalidade;

VI – na utilização de todos os meios legítimos e legais que forem necessários ou favoráveis para alcançar o objetivo social da Fundação[6].

A amplitude nos objetivos presentes no estatuto do Hospital Napoleão Laureano nos conduz a pensar sobre a complexidade da instituição hospitalar, e das suas modificações ao longo da história e também em diferentes contextos. Também é interessante perceber como o caráter filantrópico e a referência aos princípios cristãos estabelecem uma continuidade com o hospital enquanto instituição de caridade, nos remetendo historicamente a um período anterior. Penso que esse é um aspecto importante no *ethos* dos profissionais desse centro, e pode também influenciar o modo como são entendidos e praticados os cuidados paliativos.

[6] **Estatuto Social – Fundação Napoleão Laureano.** Disponível em: http://hlaureano.org.br/a-fundacao/estatuto-social/. Acesso em: 19 nov. 2020.

Com isso, podemos perceber que o hospital enquanto um instrumento terapêutico, que permitiu a permanência e o tratamento das doenças, construindo uma nova identidade e posição social do indivíduo doente "surge no final do século XVIII, concomitantemente à transformação no conhecimento que instituiu a racionalidade anatomo-clínica, estruturante da medicina ocidental moderna" (Menezes, 2003, p.104).

Entre as leituras clássicas dos estudos das ciências sociais sobre o deslocamento da morte, Foucault (1978) enfatiza que o moribundo inicia um novo processo de institucionalização e medicalização, demonstrando a passagem dos cuidados dos familiares, comunidade e religiosos para as instituições e os profissionais da saúde. Antes do século XVIII, o hospital era uma instituição de assistência, separação e exclusão, e não do doente a ser curado, mas do pobre destinado a morrer. O hospital da época tratava-se de um "morredouro", de acordo com Foucault (1979, p. 102). No campo pesquisado, mesmo que estejam ocorrendo as mortes, o intuito dele foi salvar as vidas que estavam sem tratamento na Paraíba. Estudar em um hospital de câncer é perceber que as relações entre os grupos estão em busca de uma "boa morte" (Menezes, 2004).

2. NAPOLEÃO LAUREANO: O PRIMEIRO PROFISSIONAL NÃO PRESENTE DO HOSPITAL

Os conceitos de ferramenta de suporte têm passado por uma evolução significativa ao longo das últimas décadas, especialmente no contexto da inclusão educacional de pessoas com necessidades especiais. Segundo Lopes (2010), a tecnologia adaptativa refere-se a qualquer recurso, dispositivo ou sistema que visa proporcionar maior autonomia, independência e qualidade de vida para indivíduos com diferentes tipos de deficiência. Esses recursos podem ser desde simples adaptações até dispositivos mais complexos, como softwares de leitura para pessoas com deficiência visual.

A evolução da tecnologia assistiva está diretamente ligada aos avanços tecnológicos e às demandas crescentes por inclusão e acessibilidade. Markoni e Lakatos (1999) ressaltam que, ao longo do tempo, novas tecnologias têm sido desenvolvidas para atender às necessidades específicas de diferentes grupos de pessoas com deficiência, incluindo dispositivos de comunicação alternativa, próteses inteligentes e softwares de apoio ao aprendizado.

Abraham Maslow (1968), em sua obra sobre psicologia humanista, enfatiza a importância da realização das necessidades básicas e da busca pelo autodesenvolvimento. Nesse contexto, a tecnologia assistiva desempenha um papel crucial ao proporcionar meios para que pessoas com deficiência possam superar barreiras e alcançar seu potencial máximo em diversas áreas da vida, incluindo a educação.

O estudo de Oliveira *et al.* (2012) sobre as concepções de professores em relação às dificuldades de aprendizagem destaca a relevância das tecnologias assistivas como ferramentas de apoio para a inclusão de alunos com necessidades especiais nas escolas regulares. Essas ferramentas não apenas auxiliam no processo de ensino e aprendizagem, mas também contribuem para a construção de ambientes educacionais mais inclusivos e acolhedores.

É importante ressaltar que a evolução da tecnologia assistiva não se restringe apenas aos dispositivos físicos ou digitais, mas também envolve a conscientização e o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a acessibilidade e a igualdade de oportunidades. Conforme mencionado por Lopes (2010), a adequação curricular é um dos pilares fundamentais para garantir a inclusão efetiva de alunos com deficiência intelectual, sendo a tecnologia assistiva uma ferramenta essencial nesse processo.“Não tenho intuitos sensacionalistas, e não me desejo me transformar em herói ou mártir da ciência. Quero isto sim, contribuir para aplacar as dores do que, como eu, foram atacados pela terrível moléstia. Não me preocupa a proximidade da minha morte”.. “Minha vida, minha morte!... assim nasci assim vou morrer... e este e’ o segredo da minha serenidade...”[7].

À medida em que fui me inserindo no hospital, percebi a valorização da história de seu idealizador. Napoleão Laureano, que dá nome à instituição, está representado numa estátua na entrada principal do hospital, e sua presença também se insinua em quadros e frases nos corredores e salas. Um desses quadros destaca a seguinte mensagem: “quero

[7]*Entrevista de Napoleão Laureano para Revista Noite Ilustrada; Reportagem de Eva Ban*. A Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP) abre a exposição “Memória de uma vida a serviço do semelhante”,O evento marcou a celebração do centenário de nascimento do médico Napoleão Laureano, patrono da Casa e idealizador do Hospital Napoleão Laureano, referência no tratamento de câncer no País. Na solenidade foi outorgada uma Medalha de Honra ao Mérito e exibido o documentário **“Laureano”**, produzido pela TV Câmara JP. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WrihinSDSOc. Acesso em: 10 ago. 2020.

ter o conforto de haver feito algo pela Paraíba, nesta causa que abracei como especialidade a lutar contra o câncer".

É importante pontuar que essa história começou com o primeiro profissional "não presente" do hospital, o idealizador, Napoleão Laureano. Não pretendo entrar em uma discussão sobre "Biografias e Antropologia" e nem tenho um objetivo em apresentá-lo como "santo popular", quero apenas destacar de onde veio Napoleão Laureano, quem foi e sua relevância para o campo de pesquisa. Napoleão Laureano, apesar de sua singularidade biográfica de "luta e resistência", deve ser entendido num momento histórico específico na história do tratamento do câncer, quando no país começam a surgir instituições e especialistas que propõem tratamentos e cuidados específicos para a doença.

Nascido em Natuba no ano de 1914, integrado ao município de Umbuzeiro, seu pai era militar e sua mãe era do lar. No ano de 1933 houve um ataque de cangaceiro onde eles moravam, a família se mudou para capital, na Avenida Monsenhor Walfredo Leal, n° 663, no bairro Tambiá, e ele começou a estudar seu ensino médio no Lyceu Paraibano. De acordo com as fontes consultadas, foi ao morar perto do hospital Municipal Santa Isabel, que ele descobriu sua vocação na área da saúde.

Laureano foi estudar medicina em Pernambuco e posteriormente se casou com Marcina Sampaio Laureano, com quem teve uma filha. Tornou-se médico e político, sendo apresentado nos documentos consultados como uma grande personalidade brasileira no século XX. Foi eleito vereador na legislatura 1947- 1951 e foi reeleito para a legislação; mas o câncer interrompeu sua trajetória política. Sua participação política foi vivenciada na ditadura de Getúlio Vargas, tendo chegado a presidente da Câmara Municipal de João Pessoa. Laureano engajara-se no movimento dos estudantes contra o Estado Novo.

O aspecto mais destacado nos documentos biográficos consultados, entretanto, diz respeito a seu engajamento público para a criação, na Paraíba, de um hospital do câncer, onde essa doença pudesse ser tratada de maneira específica e de acordo com o conhecimento científico disponível à época – aspecto que desenvolvo mais adiante. Napoleão Laureano apropriou-se da ciência para ajudar a sociedade e principalmente aos

portadores de câncer e se tornou militante pela causa depois de ele próprio ter sido diagnosticado com câncer, numa época em que a estimativa era de 30 mil brasileiros com câncer.

No documentário da TV Câmara, Napoleão Laureano é apresentado como médico dos pobres, como uma pessoa que se empenhou para os que mais precisavam. Acometido por um tumor maligno – um *osteosarcoma* –, que lhe tomara o seio maxilar esquerdo, Laureano fez uma viagem aos Estados Unidos em busca de cura. Ao ser atendido no Memorial Hospitalar de Nova York, recebeu a notícia que já estava fora de possibilidades terapêuticas. Naquela época não se utilizava o termo de cuidados paliativos, nem existiam as práticas paliativas conforme as conhecemos hoje. Retornando ao Brasil, Napoleão Laureano ficou em Recife. Depois voltou para João Pessoa, de onde seguiu para o Rio de Janeiro, para se engajar na campanha nacional para a criação de um centro de combate ao câncer.

Foi uma figura de resistência no debate do tratamento do câncer na Paraíba. Nos momentos finais de sua vida, ciente da inevitabilidade da sua morte, percorria espaços para arrecadar ligações sociais, tanto entre grupos, como de forma individual - nacional e internacionalmente, com a colaboração dos seus apoiadores e de sua esposa. Esses elos aconteciam em formas de relações, colaboradores de Napoleão Laureano auxiliavam nesse contato para levantar fundos para idealização do hospital.

No Brasil, há uma longa tradição de médicos atuando como políticos e a atuação desses profissionais ocupa uma posição central nas reformas públicas da saúde brasileira (Luz, 1982). Napoleão Laureano faz jus a essa tradição, passando a se interessar pela vida política após receber o diagnóstico de portador de câncer percebendo os problemas políticos e sociais que envolvia o acesso ao tratamento na Paraíba. Laureano conseguiu então interlaçar a doença, sua condição social e sua posição social para idealização do hospital.

Em entrevistas e escritos, ele próprio descreve como o ativismo pelo câncer foi uma maneira dar um sentido à própria finitude, pelo engajamento num projeto que transcenderia sua própria existência, contribuindo para o tratamento das pessoas com câncer:

> Aí consegui me convencer da inevitabilidade da morte. Então para que revolta inútil? Não seria melhor aproveitar-me do meu fim para ajudar aos outros? Não havia probabilidade de salvação para mim, a não ser a salvação da minha alma. Repentinamente passei a acreditar no céu, tão certamente este existia como eu sentia que meu corpo não poderia morrer tão moço, tão cheio de forças, se não fosse com alguma finalidade secreta para o bem dos outros. Daí em diante tudo ficou fácil. Entrevista de Napoleão Laureano para Revista Noite Ilustrada[8].

Além de seu engajamento no movimento nacional pela criação de instituições de tratamento e pesquisa do câncer (de que trato logo a seguir), Napoleão Laureano foi responsável idealizador pela existência do hospital que, como reconhecimento, recebeu o seu nome. A campanha paraibana teve repercussão nacional, ajudando na sensibilização da sociedade em relação ao câncer, como mostra o trecho abaixo:

> Já em acompanhamento médico, mas vendo a doença se agravar, pôs em marcha uma campanha para a criação de um hospital de câncer em sua região de origem. Sua iniciativa teve grande repercussão, por meio da imprensa escrita e falada, tendo como clímax um debate realizado na sede do jornal Diário Carioca sobre o problema do câncer no país (Teixeira, 2010, p. 25).

A curta, porém, intensa, vida de Napoleão Laureano, nascido no dia 22 de agosto de 1914, se encerrou dia 31 de maio de 1951 no Rio de Janeiro, às 20h20min, quando faleceu à idade de 37 anos. Apesar da brevidade de sua existência, deixou uma marca indelével na luta contra o câncer no Paraíba. De acordo com os documentos consultados, sua morte se deu apenas 48 horas depois da escolha do terreno onde seria erguido o hospital que ele idealizou. Ele foi enterrado no Cemitério Senhor da Boa Sentença em João Pessoa, preenchendo as ruas em cerca de três quilômetros, um dos sepultamentos mais populosos à época. Ele deixou o seguinte testamento fortalecendo o seu desejo na construção do hospital de câncer na cidade de João Pessoa e a partir desse testamento a luta continuou:

> a) Se o patrimônio apurado atingir apenas três milhões de cruzeiros ou menos, será destinado à criação de um centro de diagnóstico e tratamento do câncer, anexo ao Hospital São Cristóvão, na cidade de João Pessoa, na Paraíba;
> b) Se o patrimônio atingir a soma de cinco milhões de cruzeiros será empregado na construção de um hospital de 50 leitos, mais ou menos, independente e especializado no diagnóstico e tratamento do câncer. Nesse caso a manutenção ficará a cargo dos Governos Estadual e Federal e de algum auxílio de que possa dispor a Fundação Laureano. A Fundação Laureano envidará esforços junto ao Serviço Nacional do Câncer no sentido de ser facultado um auxílio anual sob a forma de convênio, como vem estabelecendo com outras entidades nos Estados da União;

[8] Do documentário **"Laureano"**, produzido pela TV Câmara JP. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WrihinSDSOc. Acesso em: 10 ago. 2020.

> c) Se o patrimônio exceder de cinco milhões, o restante, até 15 milhões, deverá constituir um fundo de reserva, cuja renda será empregada em auxílio e melhora da manutenção do pessoal e do material técnico do hospital;
> d) Se o patrimônio for superior a 15 milhões e inferior a 20 milhões, o excedente será empregado na melhora das instalações técnicas do referido hospital;
> e) Se o patrimônio for superior a 20 milhões, o excedente será empregado na aplicação de medidas relativas ao problema do câncer no país. Aí poder-se-á atender à questão da pesquisa em laboratórios apropriados, a critério da Fundação Laureano, e à distribuição de bolsas de estudos no país ou no estrangeiro, aos cursos de formação de técnicos em cancerologia, e contratos de especialistas estrangeiros para trabalhar no Brasil, onde for mais conveniente, campanha de educação popular no país e outras questões atinentes ao problema do câncer.
> Rio de Janeiro, 3 de abril de 1951.
> a) Napoleão Rodrigues Laureano
> b) Mário Kroeff
> Testemunha: Antônio Gonçalves de Medeiros[9].

Para além da singularidade biográfica, é importante destacar que os diversos elementos que confluem para a figura pública de Napoleão Laureano e sua importante contribuição, primeiramente o fato de fazer parte de uma elite econômica na sua região de origem, o fato de ele ter estudado medicina, e sua ligação com as elites políticas locais e nacionais, como o caso do contato que teve com Getúlio Vargas, que estava no poder. Do ponto de vista da história das doenças, nesse período histórico o câncer começava a ser instituído como uma questão de saúde pública. Laureano se fortalece pelo seu populismo e esse movimento foi crescendo fortalecendo um cruzamento, resistência e visibilidade que a Paraíba estava tendo em seu contexto nacional e internacional, como também relações políticas da época – Getúlio e João Pessoa – contribuíram para essa idealização.

3. A CAMPANHA NÃO PODE PARAR": PRIMEIRO HOSPITAL NA PARAÍBA PARA O TRATAMENTO DO CÂNCER

> AO povo compreendeu o alcance do movimento que encabecei. Agradeço mais uma vez a colaboração de todos, em meu nome e de todos os cancerosos do Brasil (Trecho de entrevista de Napoleão Laureano ao Jornal Diário Carioca 10 de maio de 1951).

[9] Testamento disponível em: www.ihgp.net/luizhugo/napoleao_laureano.html. Acesso em: 17 fev. 2021.

No texto "O controle do câncer no Brasil na primeira metade do século XX", Teixeira (2010) destaca que, no contexto político de retorno de Getúlio Vargas ao poder, o então presidente teve uma reunião com Napoleão Laureano e colaborou no combate ao câncer. O Instituto de Câncer protagonizou um episódio inesperado, que favoreceria o aporte de maiores recursos para a CNCC e, consequentemente, o fortalecimento institucional do Instituto organização da atenção médica ao câncer no Brasil.

> Ainda em 1951, como consequência desse acontecimento, a Comissão de Saúde do Congresso Nacional convidou Mario Kroeff [o mesmo que estava presente em todo o processo com Napoleão Laureano] para proferir conferência numa de suas seções, exclusivamente voltada para o câncer. Presidida pelo médico Janduí Carneiro, conterrâneo e amigo de Laureano, a Comissão propôs um projeto de lei concedendo um crédito de cem milhões de cruzeiros para o CNCC (Brasil, 28 abr. 1954) (Teixeira, 2010, p. 25, grifos do autor).

A transmissão na rádio gerou uma grande comoção popular e, além de proporcionar grande número de doações para a fundação do Hospital Laureano, deixou o Instituto de Câncer em grande evidência (Teixeira; Fonseca, 2007).

No dia 20 de março de 1951, realizou-se a primeira reunião da comissão organizadora, comparecendo os membros fundadores da entidade e observadores autorizados[10]. Essa reunião foi na pequena sede nas instalações do Diário Carioca, por oferta de Pompeu de Souza. Para a realização de fundação do hospital, começou a acontecer semanalmente, iniciando-se às 08 horas no dia de quinta-feira, na Av. Erasmo Braga, nº277, sala 20-A, no local que estavam sendo realizados os encontros e tinham a colaboração de doações do Sul América e pelo Banco Lar Brasileiro.

No dia 05 de abril de 1951, foi assinada em ato solene a escritura pública da criação da Fundação Napoleão Laureano. Nesse dia o governador do Estado da Paraíba, José Américo de Almeida anunciou o propósito de doação, pelo governo do Estado, de terreno de 28.560 m², para a realização do sonho humanitário de Laureano: a construção a construção do hospital para o tratamento de portadores de câncer do Estado da Paraíba. No dia 29 do mesmo mês, o Dr. Marsillac, um dos fundadores do Centro de Cancerologia, deslocou-se à Paraíba, e com reuniões com engenheiros escolheram o

[10]A primeira diretoria oficial foi composta pelo presidente: Roberto Pompeu de Souza Brasil; Vice-presidente: Carlos Werneck de Lacerda; Diretor executivo: Mário Kröeff; Diretor tesouraria: Ruy Carneiro; Diretor secretário: Jorge Sampaio de Marsillc Motta; e no período da pesquisa essa diretória está composta com os seguintes nomes Antônio Carneiro Arnaud: Diretor Presidente; Lautônio Loureiro Cavalcante: Vice Diretor da Fundação; Marcelo Pinheiro de Lucena Filho: Diretor Financeiro da Fundação; Joaquim Osterne Carneiro: Diretor Secretario da Fundação; e Aluízio Nicácio Cavalcanti: Suplente da Diretoria da Fundação.

terreno atual no bairro de Jaguaribe. A escolha desse bairro se deu ser próximo ao centro da cidade e assim facilitaria a chegada dos pacientes.

Após a morte de Napoleão Laureano, grandes movimentos ocuparam a campanha para a efetivação dessa instituição filantrópica, "*nascida da transcendência da dor individual para o amparo do sofrimento coletivo*" (p. 12)[11]. Os primeiros recursos surgiram na transmissão da rádio Mayrink Veiga e já estavam sendo arrecadados nacionalmente 70.000,00 Cr$ cruzeiros – moeda de época. Em seguida, os grandes números começaram a avançar e as doações começaram a multiplicar e com isso chegando até 200.000,00 Cr$ cruzeiros. Essa notícia se espalhou e os médicos do Serviço Nacional de Câncer[12] doaram um dia de trabalho.

A campanha vai além do Brasil, ultrapassa fronteiras, tanto que no dia 22 de janeiro de 1952, por uma iniciativa do embaixador do Brasil, Dr. Adolfo Beler Júnior, e do ministro J.B. Berenger César, começou a ter uma visibilidade maior sobre a campanha tanto nacional, como internacional, e como as organizações locais estavam empenhados em levantar o hospital. A diretoria se reuniu, e o vice-presidente Carlos Werneck de Lacerda teve uma iniciativa de realizar um "Baile Carioca" no Waldord Astoria hotel, de Nova York, em decorrência disso, os valores foram aumentando e arrecadou um valor correspondente US$ 3.492,97.

Como se vê, o processo de construção do Hospital Napoleão se fortaleceu com o cruzamento da sociedade com os seus membros individuais e as instituições como organização que estabelece uma ligação de correlações sociais. Em pensar nesse sentido coletivo social o Dr. Antonio Carneiro Arnaud, atual presidente da fundação Laureano, e diretor do Hospital entre 1962 e 1979, travou uma batalha com o auxílio dos seguintes agentes sociais: médicos, jornalistas, empresários, políticos e os mais diversos segmentos da sociedade para debater um problema que não deveria ser ignorado que é o

[11]Tavares, Marcos; Franco, Martinho Moreira. **Hospital Napoleão Laureano: 50 anos pela vida.** Editoração Eletrônica Allan Melo. Impresso no parque gráfico da Gráfica Santa Marte, em março de 2012.

[12] O serviço Nacional de Câncer é "uma organização de âmbito nacional para o controle do câncer ocorreria tendo em vista as atividades postas em prática por Kroeff no Distrito Federal. Naquele momento, a saúde pública passava por um novo processo de transformações, em virtude da implantação de mais um período ditatorial – o Estado Novo. Em 1937, em razão de uma nova reforma, o então denominado Ministério da Educação e Saúde passou a enfatizar as ações verticais contra doenças específicas, caracterizadas como entraves ao desenvolvimento do país. Ainda em 1937 foram criados os primeiros serviços nacionais contra algumas doenças, e o próprio Kroeff postularia a criação de um serviço nacional direcionado ao câncer" (Teixeira, 2010, p. 22).

câncer. Incluir a mobilização coletiva da sociedade foi a forma transformar a criação de um hospital do câncer na Paraíba numa luta coletiva, afiançada num modelo hospitalar baseado na filantropia, mas com forte auxílio do Estado, e com o apoio de instituições médico-científicas como o Centro de Cancerologia, precursor do Instituto Nacional do Câncer.

No dia 24 de fevereiro de 1962, o Hospital Napoleão Laureano teve a sua inauguração oficial para colaborar assim no tratamento de pessoas com câncer na Paraíba. Sendo dotado também de princípios cristãos foi realizada uma celebração religiosa e ecumênica no estado. Além de proporcionar o tratamento do câncer, o Hospital tem como objetivo promover o avanço na história dos estudos da cancerologia no Estado da Paraíba. Passou, deste modo, a ser um importante órgão nos estudos e capacitação para os profissionais da saúde.

Cabe frisar que o hospital tem uma parte privada e outra pública, e 90% dos atendidos do Laureano são pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), 10% privados. Esses pacientes privados ficam nos apartamentos, e os pacientes do SUS ocupam as enfermarias. Convém ressaltar que, diferentemente de outros hospitais da época, o Hospital Napoleão Laureano tinha uma missão de cuidar da vida e não ser um matadouro, pois existia/existe esse pensamento que o locaria fosse um espaço para morrer.

Mesmo recebendo verbas do SUS, o Laureano *"é uma eterna resistência, e sem a sociedade ele não existiria"*, de acordo com os profissionais da saúde. Esse hospital vive do compartilhamento, das doações, do reconhecimento, amor e acima de tudo, a fé. Essa é uma das falas mais frequentes que escuto no hospital. Os termos resistência e participação da sociedade dentro do hospital são os reconhecimentos mais frequentes dos funcionários do Hospital Napoleão Laureano.

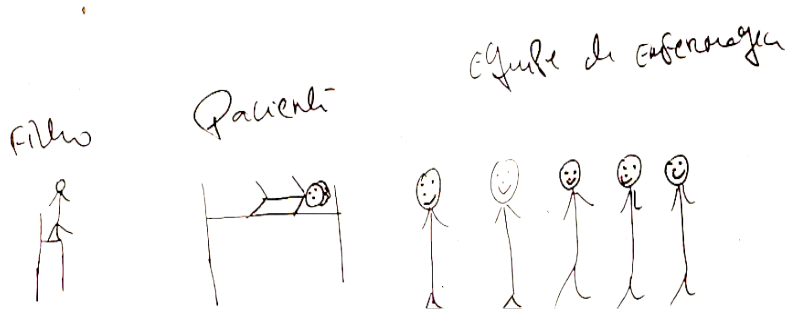
A fala de Luiz Augusto Crispim[13] perenizou em crônica o sentimento de perplexidade do paciente acolhido na sala de espera: *"Não consigo entender. Um hospital de alta complexidade como o Napoleão Laureano, a exigir condutas sofisticadas e*

[13] Frase retirada do texto do hospital: Tavares, Marcos; Franco, Martinho Moreira. **Hospital Napoleão Laureano: 50 anos pela vida.** Editoração Eletrônica Allan Melo. Impresso no parque gráfico da Gráfica Santa Marte, em março de 2012.

procedimentos de tecnologia avançada, consegue dar conta da vida, enquanto outras só administram a morte. As mãos não são as mesmas? Então, por que esta afaga e aquela apedreja?". Relacionar o Laureano como um espaço de vida é perceber o diferencial da instituição com os seus pacientes, pois se trabalha para a vida como se alivia a morte.

A figura 7, elaborada por um técnico de enfermagem na oficina realizada, é uma ilustração de como trabalhar em equipe é fundamental. Como o técnico de enfermagem, autor do desenho, disse*: "o hospital foi criado para o cuidado dos pacientes, porém o cuidado só não é função nossa (profissionais) os familiares fazem parte desse processo, e é peça fundamental para manter a ordem".* O hospital não caminha sozinho sem o auxílio dos familiares. O processo do cuidado pela vida tem um cruzamento legatório entre a equipe de profissionais e os familiares para o tratamento dos pacientes.

Figura 3: Representação de trabalhar em equipe no hospital



Fonte: Técnico de Enfermagem **(**2020)

Em síntese, pensando nos diferentes níveis de participação, o hospital depende de doações, da participação da sociedade e o SUS para a continuidade. Esses grupos estão interligados de forma eficaz para sua manutenção. Diversas entidades filantrópicas que colaboram como apoio, alcançando as dificuldades socioeconômicas dos pacientes e acompanhantes. Essas redes de apoio são compostas pela Rede Feminina de Combate ao Câncer na Paraíba, Casa da Criança com Câncer e casas de apoio que suporta quarenta hospedagens para os pacientes de outras cidades.

Outro exemplo de parceria foi a construção da Ala Infantil, inaugurada em 2008. Pensando que a doença para uma criança é mais difícil do que um adulto, foi feito o projeto arquitetônico "Q'ALEGRIA levando ludicidade ao espaço. O projeto foi desenvolvido e patenteado por Marcelo Souza e Chalaça Arquitetos Associados, doado ao projeto Casa da Criança. A metodologia do Q'Alegria é contribuir o bem-estar da criança visando um máximo de entretenimento, fazer desse momento difícil, um momento de alegria dentro do hospital Napoleão Laureano.

Nos corredores do hospital existem os *"cantores da alegria",* que são voluntários que estão cantando para que a rotina do trabalho fique mais agradável. Eles ficam mais no período da manhã e no horário de visita da tarde. As músicas eram conhecidas em minhas memórias e muitas faziam parte dos meus processos de socialização nos espaços do ambiente familiar ou nas igrejas. O método de musicoterapia é realizado por esses grupos para estimular o bom humor, tirar o *stress* e proporcionar um momento de interação com a música. Esse momento não é só dos pacientes como também para a equipe de profissionais da saúde. Teve momentos em que me pegava acompanhando as músicas e lembrando acontecimentos que vivenciei. As músicas eram todas voltadas à religiosidade, conforto e animação. Quando se une às canções com as vivências, seria para proporcionar um ambiente mais aconchegante, fazendo assim uma terapia através da música.

Quando as pessoas voluntárias faziam essa ação, os profissionais de saúde também cantavam, e ao cantar, os profissionais se prolongavam além desses momentos. Nas horas vagas e no trajeto dos corredores, alguns profissionais cantavam para si. Conversando com os profissionais sobre o cantar em suas atividades hospitalares, a maioria relacionou como uma forma de trazer tranquilidade. Os profissionais em situações adversas utilizam as formas de cantar no trabalho como um relaxamento, e os filmes e séries que assistem, e que comentam nos intervalos e mesmo quando estão trabalhando, colaboram para as suas vivências no hospital como também refletir em suas práticas.

De forma geral, o hospital tem uma história de luta junto à sociedade, inicialmente pela necessidade de ter o primeiro espaço para o tratamento do câncer na Paraíba e no momento atual para continuar sendo uma instituição de referência para o câncer no Estado. Seu pioneiro, Napoleão Laureano, iniciou uma luta que se estendeu além da sua

morte, deixando como legado uma causa que seus seguidores fortaleceram até a construção do espaço terapêutico e sua posterior manutenção até o dia do hoje. No momento da pesquisa, o hospital tem a sua rotina própria com a parceria dos voluntários, profissionais da saúde, funcionários, pesquisadores, estagiários, pacientes e familiares; sempre existindo uma dinâmica de colaboração da sociedade com o espaço hospitalar. Então nesse momento, o HNL se constitui como um ambiente do cuidado para os portadores de câncer, como também um espaço aberto de ações solidarias do povo Paraibano.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões construídas ao longo deste trabalho evidenciam a complexidade simbólica, histórica e institucional do Hospital Napoleão Laureano (HNL). As memórias pessoais evocadas no texto são marcadas por temores e estigmas em torno do hospital, que muitas vezes associado à morte e à figura do câncer como sentença final, contrastam com a experiência atual de campo, onde se revela um espaço dinâmico, plural e voltado para a vida. Essa transformação na percepção coletiva se relaciona diretamente com o esforço institucional em se posicionar como um “hospital da vida”, revelando como os sentidos atribuídos a um lugar podem ser ressignificados com o tempo, especialmente quando há investimento em políticas públicas, campanhas educativas e construção de redes de cuidado.

A trajetória de Napoleão Laureano, médico, político e idealizador do hospital, oferece uma narrativa potente de engajamento ético e político diante da própria finitude, para os profissionais do hospital. Sua história pessoal atravessa e molda a história da instituição, sendo lembrado não como herói mítico, mas como figura pública que utilizou sua experiência com a doença como impulso para propor um projeto coletivo de assistência oncológica na Paraíba. A presença de sua memória, seja na estátua à entrada, nas frases espalhadas pelos corredores ou nos documentos institucionais, marca a fundação do hospital como um espaço que combina ciência, compaixão e ação política, tensionando os limites entre o biográfico e o institucional.

Por fim, é fundamental destacar que o Hospital Napoleão Laureano, enquanto instituição de alta complexidade oncológica em João Pessoa, ultrapassa sua função técnica ao se configurar como lugar de encontro entre sofrimento, cuidado e esperança. A filantropia, os princípios cristãos e a formação continuada de profissionais de saúde articulam-se para oferecer um cuidado integral, que considera não apenas o corpo biológico, mas também as dimensões sociais, emocionais e espirituais do adoecimento. Nesse sentido, compreender o HNL é também compreender os modos como a saúde pública se organiza, resiste e se reinventa a partir de experiências locais, saberes múltiplos e narrativas que entrelaçam vidas, mortes e lutas por dignidade.

REFERÊNCIAS

ESTATUTO SOCIAL – **Fundação Napoleão Laureano**. Disponível em: http://hlaureano.org.br/a-fundacao/estatuto-social/. Acesso em: 19 nov. 2020.

FOUCAULT, Michel. O nascimento do hospital. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.

IHGP – Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. **Testamento de Napoleão Laureano**. Disponível em: https://www.ihgp.net/luizhugo/napoleao_laureano.html. Acesso em: 17 fev. 2021.

LUZ, Mabel T. **Medicina e ordem política brasileira**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MENEZES, Rachel Aisengart. **Em busca da boa morte**: antropologia dos cuidados paliativos. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

REVISTA NOITE ILUSTRADA, **Entrevista de Napoleão Laureano para Revista Noite Ilustrada**; Reportagem de Eva Ban. “Laureano”, produzido pela TV Câmara JP. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WrihinSDSOc. Acesso em: 10 ago. 2020.

SILVA, Weverson Bezerra. “**Trabalhar com a morte é não parar de pensar nela**”: estudo antropológico sobre as práticas dos profissionais de saúde do hospital Napoleão Laureano com os pacientes com câncer em cuidados paliativos. 2021. 144 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: Repositório UFPB. Acesso em: 7 maio 2025.

TAVARES, Marcos; FRANCO, Martinho Moreira. **Hospital Napoleão Laureano**: 50 anos pela vida. Editoração Eletrônica Allan Melo. Impresso no parque gráfico da Gráfica Santa Marte, março de 2012.

TEIXEIRA, Luiz Antonio. O controle do câncer no Brasil na primeira metade do século XX. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, v. 17, p. 13-31, jul. 2010.

TEIXEIRA, Luiz Antonio; FONSECA, Cristina Maria Oliveira. **De doença desconhecida a problema de saúde pública**: o INCA e o controle do câncer no Brasil. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 2007.